

A CULTURA DE ENSINAR LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM CONTEXTO BRASILEIRO ¹

Maria Angela Abbade Chimello REYNALDI

RESUMO *Esta pesquisa teve por objetivo caracterizar a cultura de ensinar (CE) LM (português) e LE (inglês) de professoras de duas escolas públicas, contribuindo com uma pesquisa comparativa do ensino das duas línguas em um contexto brasileiro. Para isso investigou-se as pressuposições, as crenças e os conhecimentos teóricos, práticos e intuitivos dessas professoras sobre como ensinar, o que elas dizem ser necessário fazer e o que realmente fazem para ensinar. A pesquisa revelou que a CE não é determinada pela especificidade da disciplina ensinada (LM ou LE), mas por uma tradição de ensinar decorrente de crenças sobre a linguagem, a profissão, o ensino, a aprendizagem e sobre o aluno, presentes no meio profissional e em uma sociedade maior, que foram adquiridas, principalmente, através de exemplos de ex-professores. Portanto, considerando as características inerentes a cada língua, concluiu-se que há somente uma CE para LM e LE. Implicações para a formação do professor de línguas foram levantadas, uma vez que a CE das professoras ainda está fortemente sedimentada em sua cultura de aprender (CA). As professoras consideraram suas formações deficientes por não terem propiciado o desenvolvimento de suas competências lingüístico-comunicativa, aplicada e a profissional, fazendo com que se sintam inseguras e recebem inovar, fortalecendo, assim, a tradição de ensinar instituída através da manutenção de rotinas de trabalho.*

SUMMARY *The main purpose of this research is to characterize the culture of teaching first (L1, Portuguese) and foreign languages (FL, English), providing a comparative research of both languages, in a Brazilian context. To achieve this, I investigated the teachers' belief system, presuppositions, practical and intuitive knowledge of teachers at two public schools, as well as what they say it is necessary to do to teach languages and what they really do to teach them. The results showed the culture of teaching is not determined by the specificity of the subject being taught (L1 or FL) but by a teaching tradition originated from the beliefs the teachers hold of their profession, of the language teaching and learning, and of their students, which are*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 22 de agosto de 1998, sob a orientação da Profa. Dra. Matilde V. R. Scaramucci.

influenced by the community beliefs. These beliefs are brought into the classroom by the teachers and acquired by the future teachers. Therefore, taking into account the inherent peculiarities of each language, I concluded that there is only one culture of teaching for both languages. Implications to teacher education are discussed, since the culture of teaching is strongly rooted in the culture of learning. The teachers considered their education inadequate because it did not enable them to develop their linguistic-communicative, applied, and professional competences. Consequently, they feel insecure to innovate, which reinforces the teaching tradition in use through work routines.

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre a CE se iniciaram na década passada e é um conceito relativamente novo, havendo terminologia variada para se referir a ela, ou a parte dela, indicando que mais estudos se fazem necessários. Neste estudo, CE é definida como as crenças, as pressuposições, os mitos, e os conhecimentos práticos, teóricos e intuitivos do professor sobre como ensinar, decorrentes das crenças presentes na sociedade e no meio profissional, assim como das experiências dos professores, tanto como professor, quanto como aluno, e de sua visão delas.

A diferença entre CE e abordagem de ensinar é bastante sutil. Segundo Almeida Filho (1993), a abordagem equivale a um conjunto de disposições, conhecimentos (que podem incluir as teorias de ensino), crenças, pressupostos e eventualmente princípios sobre o que é linguagem humana, LE, e o que é aprender e ensinar LE (acrescentaria o que é LM e o que é aprender e ensinar LM). Reconhece que o termo tem sido empregado numa profusão de sentidos por autores distintos, mas que seu objeto direto é o processo ou a construção do aprender e do ensinar uma nova língua. Continuando, o autor afirma que a forma de ensinar do professor é determinada por sua abordagem, que varia entre os polos do explícito/conhecido e do implícito/desconhecido por ele e acrescenta que o professor deve ser capaz de explicitar sua abordagem de ensino, ou seja, seus conhecimentos teóricos (formais e informais) que explicam sua prática.

Comparando a CE com a abordagem podemos dizer que a CE é mais ampla e duradoura, uma vez que está mais diluída socialmente e se infiltra mais, não tendo o professor, muitas vezes, consciência de sua influência. Contudo, a CE representa um papel muito importante no processo de ensinar, pois é nela, a mais antiga e já estabilizada que o professor busca sua pseudo-segurança quando, no meio da ação, percebe não estar preparado para lidar com o novo, sendo ela a que move o professor em situações conflitantes, ou seja, sem ela o professor ficaria estagnado e bloqueado.

Os objetivos desta pesquisa, de base etnográfica, foram operacionalizados através das seguintes perguntas de pesquisa:

- 1ª) Como se caracteriza a CE dos professores de LM e LE das escolas públicas pesquisadas e o que elas têm em comum e no que divergem?
- 2ª) Qual a influência da CE nas abordagens dos professores de LM e LE pesquisados?

A maioria das pesquisas já realizadas sobre a CE, ou sobre o conhecimento e crenças dos professores, utilizaram dados coletados através de questionário e relatos de professores. Nesta pesquisa, entretanto, tentando observar se o dizer das professoras correspondia à sua prática, os dados foram coletados através de um questionário respondido por treze professoras, sendo que três delas foram entrevistadas e suas aulas observadas, gravadas e transcritas. Para elaborar o questionário, três outras professoras responderam a um questionário piloto, para observar se as perguntas estavam bem formuladas para se obter dados que possibilitassem responder às perguntas desta pesquisa.

Das três professoras que tiveram suas aulas observadas, duas lecionam na mesma escola e na mesma classe, 1º ano do 2G, sendo uma de LM (denominada P5) e outra de LE (P4). A 3ª professora (P1) leciona em outra escola, ministrando aulas de LM e LE para a mesma classe, uma 8ª série do 1G. Após a análise dos dados, quinze professoras foram convidadas para a discussão dos resultados, porém somente duas compareceram.

Outra lacuna que percebi nos estudos já realizados é que as CE LM e LE não foram comparadas em nenhum estudo, sendo essa outra contribuição de minha pesquisa.

Decidi pesquisar a CE, ao notar que os alunos ingressavam no curso de Letras com um nível de conhecimento mínimo nas duas disciplinas, o que dificultava que concluíssem seus estudos aprendendo a se expressarem adequadamente, uma vez que o ensino tinha que partir do início, não permitindo o desenvolvimento e aprofundamento dos conhecimentos.

Tentando descobrir como os professores estavam ensinando e o que os levava a ensinar dessa forma, achei por bem investigar as crenças dos professores que estavam orientando suas ações, influenciando a cultura de aprender (CA) dos alunos², que mais tarde iria afetar a CE de seus professores.

Embora a CE não seja só crenças, é através delas que interpretamos as teorias, nossas experiências, os mitos, os "insights" decorrentes de nossa intuição e nossas pressuposições, o que me levou a concentrar minha análise na identificação das crenças das professoras.

Durante a análise dos dados, cada contexto foi considerado não só como lingüístico ou cognitivo, mas também como um contexto social, uma vez que as ocorrências da escola afetam as decisões sociais e são afetadas por posições assumidas na sociedade como um todo.

Apresentarei, em seguida, as crenças manifestadas e inferidas do questionário, das entrevistas e da observação em sala de aula. Considerando que temos crenças mais superficiais e mais profundas e que são essas últimas que orientam nossas ações porque, no íntimo, é no que realmente acreditamos e é o que nos traz mais benefícios no momento presente, ao perceber dissociação entre a teoria e a prática, prevaleceram as crenças que se confirmaram através das atitudes das professoras.

² Sobre CA, ver Barcelos (1995)

2. A CE DAS PROFESSORAS DE LM E LE PESQUISADAS

Embora as professoras tenham afirmado que só no início da carreira se orientaram pela abordagem de ex-professores, devido a lacunas em seus conhecimentos e à insegurança, notei que as professoras continuam ensinando da forma que seus professores ensinavam. Conforme descrição das professoras, as aulas que assistiram como alunas eram mais teóricas do que práticas, uma vez que aprenderam a LM e a LE através de aulas expositivas, exercícios repetitivos e memorização de regras e de vocabulário (mais em LE), tendo sido as aulas cansativas, relacionando a motivação para aprender à criatividade do professor. A maioria das professoras afirmou que é preciso ter muitos conhecimentos para ensinar (gerais e específicos) e que a intuição orienta suas atitudes para resolver problemas e conflitos na sala de aula. Porém, uma das professoras (P4) se diferenciou das demais ao declarar que os conhecimentos necessários se restringem aos específicos das disciplinas, que não usa sua intuição e já pressupõe os resultados ao entrar na sala de aula. Ao assistir suas aulas, pude notar que realmente os papéis do professor e do aluno estão bem definidos para a professora e, portanto, limitados. Ou seja, ela deve transmitir os conhecimentos que sabe (uma vez que está desmotivada para investir em sua formação continuada) e os alunos devem assimilá-los (já que eles não sabem nada, segundo a professora, o que o professor sabe é suficiente). Acredito que as pressuposições de P4 com relação à capacidade de seus alunos estão determinando o pequeno retorno que ela recebe deles e, mesmo fingindo ignorar o desprezo de seus alunos quanto ao conteúdo que está ensinando, pude notar que esse comportamento está afetando sua auto-imagem e sua CE.

Quanto ao comportamento em sala de aula, percebi que as professoras que confundem mais liberdade com não negociar ou colocar limites (cultura presente na sociedade maior), estão tendo problema de disciplina, que é agravado pela monotonia das aulas e pelo fato dos alunos não tomarem iniciativas e não assumirem responsabilidades. O problema que houve no passado foi a predominância de um autoritarismo, no qual o professor era o único canal de acesso à informação e só sua voz era ouvida. Agora é o outro extremo, faltando novamente um equilíbrio entre polos de um mesmo contínuo. Se alunos e professores não vivenciarem um sentimento de satisfação e prazer por terem feito algo bem, eles não saberão o que é a motivação intrínseca (cf. Brown, 1994) e estarão sempre esperando por algo externo para motivá-los, tornando-se dependentes e não adquirindo autonomia para enfrentar desafios.

Embora as descrições das aulas de LM e LE que tiveram tenham sido coincidentes, a maioria das professoras afirmou que seus ex-professores não ensinavam as duas línguas da mesma forma. Entretanto, percebi que a diferença a que se referem está relacionada aos conteúdos. Ou seja, em LM a ênfase está na escrita e em literatura, no 2G; em LE, na aquisição de vocabulário, acrescentando que, devido a classes numerosas e a alunos fracos e indisciplinados, encontrados nas escolas públicas, o local ideal para se aprender a falar uma LE é o encontrado nas escolas de línguas.

Assisti uma aula de duas professoras em sala diferente para perceber se havia alteração conforme a classe em que estavam ensinando, uma vez que haviam afirmado no questionário que o professor deve observar seus alunos para decidir sobre o método e

abordagem, pois cada classe representa uma nova situação. Contudo, notei que a abordagem das professoras não se altera com a mudança de classe ou de disciplina, ou seja, os alunos devem copiar, já que adotar um livro didático (LD) depõe contra as professoras (LD são incompletos); decorar; e fazer bastante exercícios para treinar para a prova. A alteração que ocorreu foi apenas a ênfase em determinados conteúdos, estando os textos mais freqüentes nas aulas, uma vez que as professoras estão sendo orientadas a seguir a teoria do Construtivismo que, para elas, se resume basicamente a não ensinar mais gramática, substituindo esse ensino por leitura de textos, levando as professoras a acreditarem que a alteração de uma abordagem é decorrente de mudança de conteúdo.

Dessa forma, acostumadas a seguir orientações, deixando de considerar as teorias que construíram através de suas experiências como fonte de conhecimento, as professoras estão tensas por não terem aprendido a ensinar da forma que os coordenadores e dirigentes do sistema de ensino estão querendo que ensinem. Como não tem a quem recorrer, elas lêem a teoria recomendada e tentam, dentro de suas limitações, colocá-la em prática. E é através desta prática que vão adquirindo experiências e, quando percebem que não está dando certo, ou quando encontram dificuldades, mudam novamente, retornando ao que estavam costumadas a fazer, ou seja, a abordagem tradicional, tornando as sala de aula um laboratório para realizarem experiências.

Mesmo os textos que são levados para as salas de aula não são discutidos, o que levaria o aluno a desenvolver seu senso crítico e possibilitaria às professoras perceber como os alunos se expressam e inferir sobre as dificuldades a serem trabalhadas, além da maioria dos textos ser redigida como pretexto para a manipulação de formas lingüísticas (Scaramucci, 1995b), não representando uma forma de comunicação real (Possenti, 1997), o que poderia motivar o aluno a praticar a modalidade padrão que é empregada pelas pessoas cultas, aperfeiçoando sua forma de expressão e desenvolvendo sua criatividade (Franchi, 1987), sem perder a naturalidade. Mesmo porque, nem mesmo as professoras, ao se expressarem, empregam as teorias que ensinam. Textos mais informais têm sido levados para as salas de aula, mas sem orientar os alunos sobre a adequação dos diferentes níveis de linguagem às diversas situações (formais e informais), o que os capacitaria a se comunicar adequadamente. Portanto, enquanto a CE não se ampliar e o professor passar a levar em consideração o processo de ensino/aprendizagem, ao invés de se limitar aos resultados que são representados por conceitos (notas), os alunos continuarão a ser seres "inocentes", diante das diversidades.

Como podemos notar, a língua ainda é vista como um código a ser decorado e, na prática, como os alunos já falam na LM, a fala dos alunos não é trabalhada para se tornar mais elaborada. Com relação à LE, como os alunos não estão memorizando o vocabulário através da abordagem tradicional, eles não são ensinados a se comunicarem na LE. Com relação à escrita, ensiná-la se resume a escrever sem erros ortográficos ou a simplesmente escrever (ato mecânico decorrente de treino), uma vez que a ênfase está no resultado e não no processo de ensino/aprendizagem, justificando a não valorização de estratégias de aprendizagem, contrariando o que afirmaram no questionário.

Outra constatação que fiz, ao observar as aulas, é que a presença de uma pesquisadora na sala de aula interfere na rotina, uma vez que é vista como avaliadora. Uma das professoras (P1), bastante preocupada com sua imagem perante à minha pessoa, demonstrou em vários momentos estar agindo diferentemente do usual. Um exemplo desse fato é que não ministrou aulas de gramática nos dias em que observei suas aulas, embora o caderno de seus alunos estivesse dividido em duas partes: uma para textos e outra para tópicos gramaticais. Em outras palavras, profere um discurso que acredita corresponder ao dos peritos de sua área (estão sendo orientadas a não ensinar gramática) e ministra uma aula para mim, enquanto pesquisadora, de acordo com suas crenças sobre o que acha que eu considero adequado. Contudo, suas aulas não são produtivas (fato reconhecido inclusive por ela mesma), consumindo a maior parte do tempo com cópias de textos retirados dos LD, dos quais precisa para ensinar (embora não admita), perturbando-a a ponto de não conseguir sequer ficar muito tempo na sala de aula, saindo várias vezes.

A dissociação não está presente somente entre o discurso e a prática das professoras, mas também em sua abordagem quando introduzem textos para serem traduzidos (LE), ou como modelo para redações (LM), e não os usam para analisar as construções gramaticais e discuti-las. Em outras palavras, a aula de gramática é separada de aula de texto, que são separadas das aulas de literatura, apresentando uma visão fragmentada do processo de ensino e aprendizagem.

Refletindo sobre os comentários das professoras e dos alunos de que o ensino da LE não é valorizado nas escolas públicas, afirmando que se não sabem sequer a LM, muito menos serão capazes de aprender uma LE, percebo que não só a LE, mas também a LM não é ensinada com seriedade. Ao adotar a palavra "escola" (impessoal), substituindo o agente professor, o professor se distancia e parece apagar de sua consciência que ele é o agente do ato de ensinar e que se o ensino e o modelo de aula com o qual os alunos estão acostumados não são adequados parte da responsabilidade pertence a ele.

As professoras também demonstraram que possuem uma orientação externa ao esperar que especialistas passem receitas para elas resolverem os problemas oriundos da prática, acreditando que o conhecimento se adquire de outros. Em outras palavras, seguindo o que o outro já experimentou e/ou aconselhou é poder transferir ou dividir com ele as responsabilidades, caso não dê certo.

O não assumir responsabilidades é um traço da nossa cultura e que se faz presente nos sistemas educacionais, no qual cada um tenta transferir suas responsabilidades para o outro e a forma de ensinar e as condições de ensino se mantém. Além de que há uma crença social de que o professor público é comodista e esta crença influencia sua CE, que por sua vez influencia a disposição do professor para adotar determinada abordagem. Sentindo-se desvalorizado e seus esforços não reconhecidos, o professor tende a se tornar o que dizem que é, já que não tem nada a perder, o que também é conveniente para os Órgãos Públicos, pois isto faz com que reivindique pouco. O mesmo acontecendo com relação ao aluno que é considerado como aquele que não sabe nada, que cobra pouco e que, portanto, recebe pouco.

A visão do aluno como fraco e desinteressado também influencia a CE do professor e também é conveniente para esconder sua má formação: se fosse melhor preparado, teria condições de promover um ensino de melhor qualidade e suas exigências seriam condizentes, além do que se as professoras se consideram responsáveis pelos resultados, ao avaliar o aluno, avalia seu desempenho também e, dependendo dos resultados, sua auto-estima é afetada.

Ao afirmarem no questionário que devem ensinar até o aluno aprender e que o resultado da avaliação pode alterar a forma de ensinar, percebi que na prática acreditam que os conhecimentos devem ser decorados e, para isso, explicam novamente e da mesma forma as teorias e os alunos refazem os exercícios, sem reflexão sobre a abordagem adotada.

Quanto à interação nas salas de aula, ela se resume a conversas sobre assuntos variados e a perguntas que o professor faz sobre o conteúdo, sendo aceita somente a resposta que o professor convencionou como certa. Acreditando que os alunos são desinteressados e pouco sabem, muitas vezes as professoras perguntam e não esperam o aluno formular sua resposta, respondendo elas mesmas suas perguntas.

Outra atitude das professoras que observei nas salas de aula é que elas fazem ameaças que raramente são cumpridas. Uma consequência dessa atitude é referente ao respeito que impera nas interações: se o professor não é capaz de respeitar suas próprias palavras, ele também não será respeitado por seus alunos; se os alunos não respeitarem o professor e não assumirem responsabilidades, eles não serão respeitados pelos professores, fazendo com que os comportamentos em sala de aula tornem-se não adequados ao processo de ensino-aprendizagem.

Das três professoras observadas, P5 é a que tem mais conhecimentos específicos da disciplina e mais experiência na sala de aula. No entanto, embora essa professora reflita mais sobre sua prática e se importe com a aprendizagem de seus alunos (das professoras-sujeitos desta pesquisa foi a única que compareceu para a discussão dos resultados), grande parte de sua prática e de sua criatividade ainda está baseada em sua competência implícita, na tradição de ensinar a que esteve exposta e nas experiências vividas como aluna e professora. Dessa forma, para ela, e para as outras professoras, para ensinar é preciso facilitar, assumindo uma atitude paternalista; cobrar, através da nota; e levar os alunos a decorar os conhecimentos transmitidos, treinando bastante.

2.1. As crenças que caracterizaram a CE das professoras

Após as considerações acima, apresento, resumidamente, as crenças que caracterizaram a CE das professoras brasileiras de LM e LE pesquisadas.

1 - o professor é responsável pelo resultado da aprendizagem e pela motivação do aluno, dependendo, a motivação para aprender e ensinar, de cobrança e de fatores externos;

2 - a abordagem do professor deve levar o aluno a decorar os conhecimentos transmitidos, através de cópias e exercícios de fixação. Não é preciso refletir sobre o processo de aprendizagem e sim observar seu produto (nota);

2.1 - a ênfase do ensino de LE deve estar em cópias e traduções e na memorização do vocabulários e de regras gramaticais;

2.2 - a ênfase do ensino de LM deve estar no ato mecânico de escrever e na gramática;

2.3 - a oralidade em LM não precisa ser trabalhada porque o aluno já sabe falar;

2.4 - a oralidade em LE se aprende em escolas de línguas;

2.5 - a LE é tratada com descaso porque não reprova, não há orientador e sala-ambiente³;

3 - a língua e a linguagem são vistas como códigos a serem decodificados para serem entendidos, não necessitando o aluno desenvolver seu espírito crítico e raciocínio para adquirir conhecimentos;

4 - o que acontece fora da sala de aula interfere na CE do professor e na CA do aluno;

5 - o professor reforça a tradição de ensinar instituída devido à sua formação (imitando ex-professores) e a seguir rotinas de trabalho;

6 - o que o professor não aprendeu como aluno, ele aprenderá na prática, através de tentativas e erros, baseando-se em teorias bem aceitas;

7 - o Construtivismo não está alterando a tradição de ensinar centrada no professor porque o aluno é desinteressado e cobra do professor a abordagem tradicional;

8 - a sala de aula não é tida como lugar para pesquisa, análise e reflexão sobre o ensino e aprendizagem;

9 - especialistas sabem mais que os professores e, portanto, têm autoridade e dever de orientar o professor.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS COM AS DUAS PROFESSORAS QUE COMPARECERAM À REUNIÃO

Foram convidadas 15 professoras para a discussão dos resultados da pesquisa, porém somente duas compareceram, sendo uma das professoras que respondeu ao questionário piloto (P14) e outra que teve suas aulas observadas e gravadas (P5). Essas professoras concordaram com as conclusões, acrescentando que as mudanças demoraram muito para acontecer, estando as raízes muito profundas, além do novo gerar insegurança, o que aumenta a resistência tanto dos alunos quanto dos professores.

Com relação à abordagem em sala de aula, P5 declarou que acredita que a estrutura deve ser ensinada descontextualizada também, ou seja, deve ser introduzida uma noção geral (o esqueleto da língua) e depois priorizar interpretação, leitura e produção de texto. A professora fundamenta sua colocação através da observação de que quando foi ensinada somente através de textos não aprendeu (influência da CA). P14 explicou que a primeira abordagem é via estratégias de leitura, iniciando o processo pelo texto e não

³ As professoras acreditam que a criação da sala-ambiente irá facilitar o ensino e a aprendizagem, uma vez que terão materiais didáticos disponíveis na sala de aula. As salas-ambiente são classificadas conforme a disciplina que será ensinada nesse local (exemplo: sala-ambiente de português) e o professor permanece na sua sala, devendo os alunos se locomoverem.

pelas regras gramaticais, mas em seguida são feitos exercícios de aprofundamento para se inferir as regras.

Como podemos notar o problema é COMO ensinar, não havendo um questionamento sobre ensinar ou não a estrutura da língua. P5 reconheceu que estava sendo levada pela CA dos alunos e informou que neste ano (1998) está mudando sua abordagem ao exigir mais pesquisas dos alunos. Acrescentou que os interessados apresentam bons resultados e os outros afirmam que não encontraram as informações que os colegas estão apresentando. Para a professora, os alunos só tomarão consciência da necessidade dos estudos quando perderem competições no mercado de trabalho, o que é alertado. P5, conforme já afirmado, se diferencia de suas colegas por ser mais consciente de suas atitudes, reclamando da falta de tempo para poder refletir mais sobre seu ensinar.

Com relação ao fato de que os alunos não serão mais reprovados, acreditam que os alunos mais interessados estão se desmotivando porque eles se esforçam e todos passam, além de serem rotulados de bajuladores e tolos. Percebo que a tentativa de igualar é sempre objetivando o nível mais baixo e para que isso não ocorra e os alunos mais dedicados não desanimem há necessidade, primeiramente, de uma mudança de valores, ou seja, conscientizar os alunos da utilidade prática do que estão aprendendo, desvinculando o objetivo do ensino e da aprendizagem da nota e do passar de ano. Para isso os papéis dos alunos e do professor deverão ser revistos, mesmo porque hoje o computador fornece informações, devendo a função do professor ir além desse ponto, orientando o aluno sobre como aprender, refletir e aplicar os conhecimentos, levando-os a assumirem responsabilidades também.

4. CONCLUSÃO

Diante do acima exposto, concluo que, devido à formação do professor e à falta de orientação e motivação para alterarem a abordagem instituída, as professoras ainda acreditam, mesmo que intuitivamente, que o processo ensino-aprendizagem é como Paulo Freire (1980) o definiu: um processo bancário, no qual os alunos recebem, arquivam, e estocam os depósitos, sem reflexão ou críticas, cooperando para a manutenção da tradição de ensinar, através da criação de rotinas de trabalho, sem desenvolverem sua criatividade ou a do aluno, reforçando a CA dos alunos (que se converterá em CE mais tarde), não a modificando. Portanto, da mesma forma que as aulas que assistiram como estudantes foram cansativas, assim estão sendo as aulas de seus alunos, formando um círculo vicioso.

Na escola foi predominante uma atitude que objetivasse o desenvolvimento do lado esquerdo do cérebro, o mais racional. Porém, agora, este quadro está necessitando ser alterado para que a intuição aflore, as emoções sejam trabalhadas e as crenças refletidas, ou seja, está havendo uma mudança de valores e a própria atitude que está sendo exigida do professor em sala de aula (chamar o aluno a participar) é representativa de uma visão mais holística do processo. Porém, o professor necessita vivenciar essa mudança para entender o processo para depois passá-lo a seus alunos, o que não era necessário na

abordagem tradicional, porque o professor era só transmissor de conhecimento e o ensino era teórico.

Contudo, o professor só conseguirá ser um elemento transformador se conseguir analisar seu papel na sociedade de uma forma que transcenda sua própria cultura, para perceber se as virtudes do passado não se tornaram os vícios de hoje e, se assim for, adaptá-los ao momento presente.

Estamos passando por uma fase de transição e ainda não encontramos o ponto de equilíbrio. Ainda estamos nos colocando nos extremos devido às alterações em ritmo acelerado que estão ocorrendo na sociedade moderna, não nos deixando espaço para refletir sobre o novo e o velho, descobrindo o que têm em comum e em que aspectos divergem, para depois concluirmos sobre as mudanças necessárias (entendendo o porquê de mudar ou não) para que uma nova abordagem aflore. Além dessas constantes alterações não darem tempo para as teorias se transformarem em ação, uma vez que a incorporação efetiva requer tempo para acontecer, pois é consequência de uma revisão e alteração interna de valores e crenças.

Portanto, para refletir sobre sua prática o professor necessita investigar sua CA e CE (já chegam às universidades com crenças sobre o ensino e a aprendizagem), investigando a origem de suas crenças, o que possibilitaria a reformulação (Gimenez, 1994). Não nos esquecendo de que as mudanças também dependem das oportunidades para promover alterações (Bourdieu, 1992).

Concluindo, a abordagem das professoras de LM e LE é a mesma, embora haja divergência quanto ao aprofundamento dos tópicos, devido ao nível de conhecimento das professoras e às particularidades de cada língua. Ocorrendo o mesmo com a CE, uma vez que há crenças que orientam o ato de ensinar que se aplicam às duas disciplinas. Em outras palavras, as crenças das professoras não se referem às disciplinas que ensinam, mas sim ao ensino e aprendizagem: se o professor acredita que deve abrir espaço para a participação do aluno, isto ocorrerá em qualquer aula que for ministrar. Da mesma forma, se acreditar que o aluno é incapaz de refletir e tomar decisões, não está se referindo a uma disciplina em particular, mas ao que o aluno representa para ele. Portanto, se o professor das duas disciplinas for o mesmo, a aproximação será maior ainda, pois além das crenças difundidas na profissão e na sociedade, as experiências e crenças pessoais também serão as mesmas.

Com relação à influência da CE nas abordagens das professoras de LM e LE pesquisadas, posso afirmar que se o professor rotinizar seu trabalho, deixando prevalecer a crença de que é melhor seguir por caminhos já testados (imitando outros), assumindo menos responsabilidade e riscos, ele estará reforçando a CE já existente e sua abordagem (no caso a tradicional) não se alterará e os alunos continuarão fazendo cópias, exercícios gramaticais, decorando regras e vocabulário, baseando-se em modelos para escreverem suas redações (sem discuti-los) não desenvolvendo sua criatividade, raciocínio e espírito crítico.

Ensinar uma língua através de regras gramaticais e aquisição de vocabulário de forma descontextualizada e não como meios que ajudem na comunicação e expressão, limita o conceito de linguagem, pois não considera que é através dela que refletimos, nos relacionamos e nos desenvolvemos.

Ao refletir sobre os conhecimentos intuitivos das professoras, notei que eles ainda estão bastante superficiais, necessitando serem trabalhados, o que poderá ocorrer se o professor tornar explícita sua competência implícita, conscientizando-se dela, aumentando assim seus conhecimentos. O ideal é a união da intuição com a razão, através da qual se perceberia quais são esses conhecimentos intuitivos e, refletindo sobre eles, haveria uma maior elaboração e, aos poucos, um aprofundamento.

Acredito que não são os formadores de professores que ensinarão o professor a resolver as ocorrências de sala de aula, uma vez que não há como prever os acontecimentos, sendo a formação do professor continuada durante o exercício da profissão. A realidade da sala de aula é complexa e envolve vários fatores, inclusive os fatores emocionais do momento em que a ação ocorre, restando ao professor muitas vezes somente sua intuição para abordar o problema em sua totalidade. O conhecimento intuitivo não é muito aceito nos meios científicos por considerarem que não há como comprová-lo racionalmente, esquecendo-se de que a intuição também pode ser verificada pelo pensamento analítico, desenvolvendo assim a autoconfiança. A aceitação do conhecimento intuitivo pode ser útil, pois permite que se lide com várias situações ao mesmo tempo, uma vez que ele surge em blocos, como um todo, ao passo que o raciocínio lógico analisa cada etapa, sendo mais lento e tortuoso para se descobrir a verdade que não se sabe conscientemente. Usar a intuição pode significar ter que abandonar velhas formas confortáveis de pensar e fazer, desistindo da segurança dos caminhos já testados. Segundo Shallcross e Sisk (1989), a intuição é o estágio básico da criatividade, definida como uma forma de conhecer do ser humano, que independe de dados colhidos fora do sujeito (as informações estão armazenadas dentro dele). Dessa forma, os dados e a ação podem e devem ser analisados posteriormente para melhorar o desempenho, levando o professor a adotar um ensino mais reflexivo.

Com essas afirmações não pretendo afirmar que os professores não devem ser orientados sobre as complexidades do ensinar, e sim que devem ser levados a adquirir o hábito de pesquisar e refletir, uma vez que cabe a ele, agente do ato de ensinar, encontrar as soluções para seus conflitos. Desse modo, podemos perceber que a lacuna está no conhecimento do professor, que não se restringe à disciplina que ensina, englobando também o conhecimento de si próprio, dificuldades de relacionamento e habilidade em lidar com incidentes.

A criatividade na educação deve estar na capacidade de oferecer respostas novas a uma situação determinada, ligando-se, portanto, à habilidade de um indivíduo em fazer novas combinações a partir dos elementos que possui. Entretanto, ela só ocorrerá e se desenvolverá se o professor também for criativo. Para isso necessitará de um outro tipo de formação. Porém, como a formação é continuada, sempre há tempo para alterações e desenvolvimentos, desde que haja oportunidades para o professor fazer uso de sua liberdade, ousando sem medo de chocar, e sentindo-se impulsionado a resolver problemas.

Reconheço que alterar teorias, rotinas de trabalho e crenças é um trabalho árduo, pois requer revisões profundas de trabalhos já realizados, sendo esse um dos grandes obstáculos que se enfrenta quando se pretende introduzir novas abordagens. Todavia, se os professores estiverem interessados em seu desenvolvimento profissional, haverá

motivação e persistência e, se houver condições, as alterações necessárias poderão ocorrer, mesmo porque lutar por uma escola livre dentro de uma sociedade repressora do que temos de mais humano, que é a consciência, é tarefa de todos. Embora as mudanças também sejam dificultadas pelas condições de ensino, os professores devem ter interesses mais ativos, provocando situações que facilitem a consecução de seus objetivos, pois o interesse passivo é a busca de "receitas" e aceitá-las é subestimar-se como pessoa e profissional.

É sabido que a cultura é uma forma de controlar o comportamento humano e que esse mecanismo de controle é necessário para ordenar o comportamento. Entretanto, é preciso ter consciência do que está orientando o nosso agir para que não sejamos reprodutores inocentes de valores que poderão beneficiar somente uma minoria. Muitos significados se perderam devido à familiaridade e repetição e agora precisam ser resgatados para percebermos onde estamos, o que somos e determinarmos onde queremos chegar e o que queremos ser. As mudanças não ocorrem de repente, por isso é necessário firmeza de propósitos e encarar os deslizos, devido aos hábitos arraigados, como estágios do desenvolvimento.

Espero que os questionamentos levantados tenham conseguido levar as professoras-sujeitos a refletirem um pouco sobre sua prática e cultura, para poder adaptá-las à realidade e às necessidades atuais. O que também beneficiará os alunos, que poderão aprender as línguas de uma forma mais abrangente e profunda, melhorando, conseqüentemente, a formação dos futuros professores, propiciando a aquisição de uma cultura de aprender e de ensinar mais consciente e a adoção de uma abordagem que motive mais os futuros alunos a aprenderem através do reconhecimento da aplicação prática e da importância dos conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes Editores, 1993.
- BARCELOS, Ana M. F. **A Cultura de Aprender Língua Estrangeira (inglês) de Alunos Formandos de Letras**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, 1995.
- BOURDIEU, P. Structures, Habitus, Practices. In: **The Logic of Practice**, tradução de Richard Nice. Stanford, CA: Stanford University Press, 1992, pp 52 a 65.
- BROWN, H. D. Teaching by Principles. In: **Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy**. Englewood Cliffs. Prentice Hall Regents, 1994, pp 15-32.
- FRANCHI, Carlos. Criatividade e Gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada, número 9**. Campinas: UNICAMP, 1987, pp 5-45.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GIMENEZ, Telma N. **Learners becoming Teachers**. Dissertação de Doutorado. Lancaster University, 1994.
- POSSENTI, S. **Por Que (não) Ensinar Gramática na Escola**. Campinas: ALB, Mercado das Letras, 1997.

SCARAMUCCI, M. V. R. **O Papel do Léxico na Leitura em Língua Estrangeira: foco no produto e no processo.** Tese de doutorado. UNICAMP, 1995b.

SHALLCROSS, D. J. e SISK, D. A. **Intuition - An Inner way of knowing.** Buffalo, NY, Bearly Limited, 1989.